

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDIGENAS

Tary Ferreira Alves

HISTÓRIAS DE LUGARES SAGRADOS

Belo Horizonte 2016

Tary Ferreira Alves

HISTÓRIAS DE LUGARES SAGRADOS

Percurso Acadêmico apresentado ao Curso de formação Intercultural para Educadores Indígenas da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção de grau de licenciado em Línguas, Artes e Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Josiley Francisco de Souza.

Belo Horizonte, 2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente a Deus por ter me dado força e saúde para que terminasse o meu trabalho.

Depois agradeço meus familiares, pais e irmãos por terem cuidado dos filhos na minha ausência, em especial a minha esposa por ter tido paciência enquanto estive fora de casa e ter me apoiado para continuar nessa jornada que não é fácil.

Agradeço também aos professores, monitores, lideranças, ao FIEI, e principalmente aos colegas que também nos fortalecem enquanto estamos aqui.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as pessoas que direta, ou indiretamente participaram para que criasse forma e pé. Também a minha família, a toda comunidade Pataxó, aos anciões, aos mestres da escrita, professores e monitores.

Em especial a minha esposa KAXINAWA, por ter confiado no meu potencial para chegar até aqui, aos meus filhos, Tuyuyu, Suru, e minhas princesas Amesca e Yrara. Por muitos dias tiveram que ficar sem o carinho do pai.

Dedico ainda a toda escola indígena.

RESUMO

Com o presente trabalho buscou-se abordar alguns problemas referentes ao território indígena Pataxó, como a necessidade de valorização dos lugares sagrados para a preservação da cultura e das tradições. Foi apontada a importância da oralidade para essa valorização. Assim, a partir de entrevistas realizadas com anciões das comunidades, foi possível mapear lugares sagrados e resgatar narrativas tradicionais que estavam quase esquecidas. O trabalho está organizado em capítulos que apresentam os temas abordados, a descrição e algumas narrativas de cada lugar.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. HISTÓRIA DOS PATAXÓ	8
3. TERRITÓRIO E LUGARES SAGRADOS	11
3.1 Os lugares sagrados	12
3.2 Os lugares sagrados e a tradição oral	15
3.3 Aldeia Encontro das Águas e a importância da tradição	16
4. A ESCOLA INDÍGENA: O SAGRADO, AS NARRATIVAS DA ORALIDADE E O CONHECIMENTO	18
4.1 Como são trabalhadas as narrativas	20
4.2 O poder da oralidade na vida e cultura indígena	23
4.2.1 <i>A escolha dos lugares sagrados</i>	23
4.3 Os lugares Sagrado e seus significados	24
4.3.1 <i>O Saco</i>	24
4.3.2 <i>Lagoa de Fora</i>	28
4.3.3 <i>Moita Grande</i>	30
4.3.4 <i>Lagoa Grande</i>	33
4.3.5 <i>Juacema</i>	35
4.3.6 <i>Mono</i>	37
4.3.7 <i>Mata da Cutia</i>	38
4.3.8 <i>Extrema</i>	40
4.3.9 <i>Céu</i>	41
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	45
GLOSSÁRIO DE PALAVRAS DO VOCABULÁRIO PATAXÓ TRADICIONAL FALADO NAS COMUNIDADES	46

1. INTRODUÇÃO

Sou Tary Ferreira, pertencente à etnia Pataxó. Nasci em Barra Velha, aldeia mãe, no extremo sul da Bahia. Atualmente, moro em Minas Gerais, reserva indígena Guarani, no município de Carmésia, aldeia Encontro das Águas. Sou professor na minha comunidade, onde trabalho com o segundo ano dos anos iniciais e com ensino fundamental com a disciplina de Ciências na Escola Estadual Indígena Pataxó Bacumuxá – Módulo II.

O motivo que me levou a pesquisar e registrar as narrativas contadas a partir de lugares sagrados do povo Pataxó é, na verdade, uma preocupação que tenho com relação à possibilidade de perda dessa memória. De alguns anos para cá, venho percebendo que esses lugares vêm desaparecendo por causa do desmatamento e as pessoas mais velhas que guardam as histórias estão morrendo sem transmitir seu conhecimento.

Os lugares sagrados estão localizados no território de Barra Velha, na Bahia, e na reserva indígena Guarani, em Minas Gerais. São lugares que estão nas aldeias e que guardam uma parte da história oral do povo. A partir desses lugares, existem histórias e narrativas que percebo que podem vir a se perder com o tempo, devido à chegada de novas culturas e tecnologias nas comunidades dentro dos territórios indígenas. Essas interferências podem afetar a vida das pessoas desses lugares sagrados que, para os mais velhos, são de grande importância para a memória do povo.

E também por ser um tema bastante familiar ao meu ver, e por se tratar de território e cultura, dois assuntos bastante discutidos tanto entre o povo indígena quanto entre outros povos que se preocupam em manter suas tradições para, pois são assuntos que mexem com a vida de um povo e da sociedade, seja ela indígena ou ocidental.

E, por meio dos registros espera-se contribuir para que os próprios indígenas, principalmente os mais jovens, que desconhecem a existência desses lugares sagrados, possam perceber o que é território e o valor histórico e cultural das narrativas presentes nesse espaço, bem como a sua importância para o bem estar da comunidade em que vivem.

Com esse trabalho busco valorizar as memórias presentes nas narrativas dos mais velhos e mostrar para as crianças que a preservação das matas, dos rios, do ambiente e das florestas nativas, depende de nós seres humanos de consciência humanista. Registrar essas histórias é importante, porque temos o dever de aprender e passar em frente, vendo que os

velhos guardiões dessas memórias estão morrendo, e se não nos preocuparmos corremos o risco de perdê-las para sempre.

Conhecer e preservar esses lugares sagrados é aprender a conservar o patrimônio cultural e físico da aldeia, portanto, é ali que está parte importante da história do povo, pois território e memória estão interligados. Um velho se lembra das histórias quando vê aqueles lugares onde aprendeu ou vivenciou os acontecimentos que narra, e isso lhe traz segurança para ensinar aos mais jovens.

Essa pesquisa, por meio de entrevistas e conversas, me possibilitou conhecer e registrar um pouco das histórias de vida e narrativas de alguns anciões indígenas. Além de percorrer o próprio território onde resido, a Reserva Guarani, no município de Carmésia, em Minas Gerais, também estive em outras terras indígenas, como a aldeia de Barra Velha, em Porto Seguro, na Bahia. Nesses espaços realizei entrevistas com os mais velhos, escutei narrativas e visitei espaços que foram descritos nas narrativas apresentadas, com fins de observar e comparar as memórias do lugar com as condições atuais de preservação.

Esse trabalho está organizado em 5(cinco) capítulos, que apresentam os temas pesquisados durante todo o percurso do projeto. Esses capítulos compõem um conjunto final formado por textos, desenhos e fotos que apresentam algumas narrativas e alguns lugares sagrados de duas aldeias do povo Pataxó.

2. HISTÓRIA DOS PATAXÓ

O povo Pataxó vive em diversas aldeias no extremo sul do estado da Bahia, e no leste de Minas Gerais. Há evidências de que a aldeia de Barra Velha aldeia mãe existe há mais de dois séculos e meio, desde 1767. Em contato com os não índios desde o século XVI e muitas vezes obrigados a esconder seus costumes. Os Pataxó vivem na zona rural e urbana dos municípios de Porto Seguro, Prado, Itamaraju e Santa Cruz Cabralia, no sul da Bahia, e em Minas Gerais, nos município de Carmésia, no leste, Itapecerica, no centro-oeste, e Araçuaí, no norte.

Conforme informa Sijanete Alves Braz, indígena Pataxó da Aldeia Encontro das Águas em Carmésia/MG, o povo Pataxó chega em Minas Gerais por volta de 1970, eram poucas famílias e essa chegada acaba acontecendo por acaso, na época a terra pertencia a União e foi doada para a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), que seria usada como presidio pelo órgão, e que manteria preso índios que cometesse algum tipo de ato nas suas comunidades. E esses seria mandados para esse local que era uma antiga fazenda que pertencia a um português. E como ficaram sabendo da terra vieram essas primeira famílias sem pensar nas dificuldade que passaria na “terra desconhecida” com muitas dificuldade foram se adaptando ao clima, tomando conhecimento da terra, aprendendo a observar as épocas de plantio e tudo foi sendo um aprendizado pois não tinha conhecimento nenhum da terra, a grande dificuldade foi de saber a época boa para se plantar, até porque em Barra Velha já tinha todo esse manejo de lidar com a terra, o que se plantava em cada mês e especialmente a cada época do ano. E sem falar no frio que era severo, acostumados com o clima quente e de repente ter que encarar o frio intenso e como não tinham uma casa que ajudasse na sua estadia com vivendo em choupana com pouca estrutura para os proteger do rigoroso inverno, e o susto veio com as plantas que morriam com o frio, pois os clima de Bahia e Minas os confundia, época que era de plantio de tal semente na Bahia em Minas não era, era totalmente ao contrário como por exemplo a mandioca aqui em Minas se planta em agosto e na BA se planta no mês de janeiro, mas com muito estudo de observação do tempo do plantio e persistência aprenderam a lidar com essas diferenças e sobreviveram. (BRAZ, 2015.)

E com o passar do tempo novas famílias chegando dividiram as terra umas família ficaram na parte da sede da fazenda, outras ficaram no lugar chamado Imbirucú e outras no córrego do Engenho onde está a aldeia Encontro das Águas. A redução do território de Barra Velha leva essas famílias a sair em busca de novas veias de terras para morar e assim surgem as aldeias em Minas devido a redução do espaço pertencente ao povo Pataxó e outro fator é o

crescimento da população Pataxó, e assim também se cria pelos mesmo motivos novas aldeias ao entorno de Barra Velha e em outros municípios. E em Minas com tempo fomos descobrindo na vivência com os brancos, que morava ao redor da reserva, os meses que se cultivava cada tipo de plantas, sementes e até madeiras para se fazer casas, por ser outra realidade tudo estava sendo novo e mesmo as árvores das matas eram desconhecidas das que tínhamos conhecimento. Como era uma região de montanhas tínhamos dificuldade até na busca das madeiras, pois as madeiras melhores para a construção ficavam no alto dos morros, por estarmos acostumados a trabalhar em uma região de planície tudo era um empecilho a ser vencido.

O massacre de 1951, conhecido como “Fogo de 51”, foi um dos motivos da saída de famílias Pataxó para outros lugares e/ou estado assim como também a limitação de seu território, devido a chegada da colonização em suas terras, deixando-os muitas vezes impossibilitados de usar seu território original. Por ser dono da terra não tinham direito de usufruir do seu lugar, em 1970 chega em Minas as primeiras família de Pataxó na antiga fazenda Guarani, hoje reserva indígena Guarani no município de Carmésia que se divide em três comunidades: Sede, Imbiruçu e Encontro das Águas, cada qual com um líder, ou seja, cacique, com seu jeito próprio de organização.

Através do Sistema de Informação à Saúde Indígena (SIASI/FUNASA) obtivemos os dados comumente ao conjunto da população Pataxó, os dados de 2010, 11.436 habitante sendo 5.597 mulheres, e 5.839 homens no estado da Bahia.¹ Em Minas Gerais, segundo os dados do SIASI/FUNASA, em Minas Gerais temos um total de 349 habitantes Pataxó, sendo 178 homens e 171 mulheres. Com um total geral de 13.588 habitantes sendo 6.982 homens e 6.606 mulheres. Com a chegada de colonizadores em 1500, o povo Pataxó, se sentindo encurralados com as grandes lavouras, viram que o seu espaço de viver aos pouco vinha sendo tomado pelos empreendedores na região, com tudo isso o povo se sente na obrigação de se mudar para outros lugares e estado como Minas Gerais. Nessa problemática surgem novas aldeias como: Coroa Vermelha, Imbiriba, Boca da Mata, Meio da Mata, Pé do Monte, Aldeia Velha, Guaxuma, Mata Medonha, Trevo do Parque, Corumbauzinho, Aldeia Nova, e em Minas Gerais no município de Carmésia Aldeia Sede, Imbiruçu e Encontro das Águas, no município de Itapeçerica aldeia Muã Mimatxy e no município de Araçuaí aldeia Jundiba.

¹ Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/pataxo>>. Acesso em: 15 set. 2015.

Cada aldeia desenvolve sua forma de organização, como lidar com a terra, a natureza, os costumes em geral. Buscando estratégias de ensinamento interno e externo vindo do mundo do colonizador. Hoje essa forma que o povo Pataxó encontrou de se organizar, tem muito haver também com os grupos familiar que são famílias que saíram para outros partes e começa a criar novas aldeias novas história, novas formas de lidar com lugares, ou seja, terras desconhecidas, e assim ter que se adaptar-se a climas, alimentação, a outros costumes da região em que vivem.

O povo Pataxó nos dias atuais tem uma dessemelhança muito grande em relação aos seus costumes devido a essas divisões que conseqüentemente é resultado da chegada dos “conquistadores” que são considerados os grandes vilões da história e na vida dos povos indígenas, principalmente dos povo habitante do litoral do Brasil, por ser os primeiros a terem esse contato direto e indiretamente com a nação de desconhecidos. Com a redução das terras Pataxó de Barra Velha o povo sente na falta de espaço para desenvolver suas atividades como colocar uma roça, fazer uma casa e outros a fazeres que ajudaria na criação de suas famílias.

Por ser um povo que sempre esteve e hoje ainda vive no litoral, assim como outros povos que ficou exposto aos olhos da colonização e como consequência dessa forçada troca de costumes o povo Pataxó acaba perdendo muito dos seus costumes e ainda nesse forçado contato, e muitas vezes sendo obrigados a seguir e contudo isso vem a perca do seu território tradicional, como eram terras que estava no litoral era primeiro visto e desejado pelas coroas europeias e outros. Além do território teve que deixar de lado muitos costumes até esquecido, pois seus modos de vida deixado e apagado por muitos anos sem ser praticados. Como herança desse massacre cultural ficamos dependente desse jeito tão perverso de ver o meio ambiente, muita das vezes vemos o como fonte de riqueza e não como algo de valor cultural até mesmo social que pertence um grupo.

3. TERRITÓRIO E LUGARES SAGRADOS

Território para nós povo indígena está na extensão de terra e sua posse, onde possam desenvolver suas práticas de vida social, como parte sua e acima de tudo buscar formas de preservação, fazendo uso da mata como fonte de uso. No território, conforme observa Dominique Gallois (2004, p. 38), o povo indígena tem total liberdade para desenvolver sua cultura seus trabalhos, como plantar a roça, pescar, fazer suas casas, seu centro cultural, e também ser usado na colheita de madeiras para fazer suas casas, colheita de sementes para a confecção dos seus artesanatos.

Território para o povo indígena são lugares onde se pode ter direito a criar suas famílias e ter um lugar onde também possam enterrar o corpo das pessoas que morrem, pois no território podemos ter todo esse direito. Território está na capacidade de poder buscar formas de se relacionar com a vida do povo, a terra e seus elementos, sejam eles bióticos e abióticos. Retomando Dominique Gallois (2004, p. 37-38), percebemos que o território é o bem material que traz uma força para a sobrevivência e a resistência de um povo indígena, porque o território é um espaço determinado que nos pertence e temos a liberdade de usar para nossos costumes.

Território é a porção de terra limitada para fazer as atividades que precisamos e para usarmos como fonte de recurso para a sobrevivência do povo. No território existem os lugares onde é guardado o saber e também os valores que nós, indígenas, adquirimos com o passar do tempo habitando esse lugar. Portanto, território é a capacidade de estar em contato com a natureza e seus recursos, diante do poder que temos dessa porção de terra. Território na verdade é a capacidade de compreender o espaço em que vivemos, desenvolvemos e envolvemos nas nossas atividades. É também ter uma relação com os seres que vivem nesses lugares por onde sempre andamos e vivemos.

Conforme comenta Dominique Gallois, muitos desconhecem essa concepção de território e o compreendem junto com uma imagem romantizada do índio.

Temos aqui um problema na compreensão da dimensão cultural envolvida na territorialidade indígena: a imagem romântica de índio nomadizando por amplo território intocados domina ainda a visão da população brasileira acerca dos usos, costumes e tradições indígenas. (GALLOIS, 2004, p. 37.)

Território, para nós indígenas, é entendido como lugar onde se pode ter uma qualidade de vida, ambiental e ecológica, e onde se disponibiliza de materiais, onde se pode atender as necessidade do povo que está em constante relação com o espaço /lugar. A

compreensão do território também está na forma como cada indivíduo vê o espaço, e como esse espaço está sendo usado, como cada elemento disponível naturalmente na vida e para a sobrevivência do povo é usado.

O poder territorial de cada ser, seja ele racional ou irracional, está na forma como cada qual vê e se relaciona com o lugar onde vive. Os animais, plantas, os astros também têm seu território, onde exercem um poder. Existem plantas que só vivem em um lugar, então esse lugar é o seu território, é o lugar que ela domina, ou seja, há um poder sobre ele, assim como os animais. Existem animais que só vivem em um lugar e esse lugar é onde ele tem domínio para se reproduzir, criar seus filhotes e viver até morrer. A mata é o seu território de poder, sem ela, não há como viver e sobreviver, pois é ela que definirá o futuro dos seres que nela habitam. Assim também o povo indígena que, sem seu território, “sua terra”, esse povo nunca será feliz, porque não será capaz de atender e desenvolver suas necessidades sociais e culturais.

3.1 Os lugares sagrados

O sagrado está na capacidade de estarmos espiritualmente ligados a nossa ancestralidade e ao poder de nos ajudar a entender o mundo, lugares onde nos resguardamos diante da nossa espiritualidade. É uma força que nos ajuda a buscar a cura, a sabedoria, o poder, a educação e os ensinamentos. (PINTO, 2015)

Os lugares sagrados nas comunidades tradicionais têm esse papel de nos preparar para os acontecimentos que podem vir a nos surpreender dentro de uma comunidade, como doenças, rivalidades entre membros, um parto; então, todos esses motivos são meios de buscarmos nos lugares sagrados o que está nas terras indígenas, como em Barra Velha, aldeia mãe, na Bahia, e na Reserva Guarani, em Minas Gerais.

A existência desses lugares sagrados são de grande importância e são considerados os pontos de referência de força sobrenatural, onde podemos nos relacionar com o chamado “mundo da cura”, onde estão saberes e ensinamentos. E seguindo essa linha de raciocínio, na nossa crença são lugares onde não podemos estar diariamente. Além disso, não é qualquer pessoa que pode visitar, e seus segredos não podem ser ditos ou mesmo revelados a pessoas desconhecidas ou mesmo a pessoas que estão despreparadas para receber um ensinamento nesses lugares. São pontos onde se constroem uma percepção de mundo e de ser dependente desses ensinamentos que estão no lidar com o sagrado. Assim, como existem os

momentos de aprender com e nesses lugares, temos essa preocupação de preservar diante do desconhecido todo o seu poder de cura e sabedoria.

Como destaca Luiz Eduardo Souza Pinto, os valores sagrados têm uma importância fundamental para uma comunidade.

O conjunto dos valores sagrados cria em torno de si uma comunidade que se liga pela crença neste valores: o sentido compartilhado é mutuamente percebido por uma coletividade que fornece uma razão à existência marcada pela perplexidade e incerteza quase infinita.²

Assim, buscamos nesses valores sentido para explicações do mundo e esses sentidos estão no bem estar desses lugares sagrados e sua contínua existência. Assim, nunca esquecer o valor que essa cultura traz é preservar tudo aquilo que faz parte da vida e do território ligado ao povo: a mata, árvores, lagoa, animais, rio. Desse modo, esse lugar tanto é um lugar de pesca e como de caçadas, e também um lugar de rituais.

Um lugar se torna sagrado quando guarda nele histórias na memória das pessoas que convivem ou viveram com os acontecimentos. Esses lugares fazem parte do passado do povo, pois é onde se faziam rituais, lugares onde eram colocados os corpos do seus velhos, ou seja, onde os enterravam. Esses lugares são sagrados também por causa da espiritualidade que ele guarda, quando a vemos ou a sentimos com passar do tempo. O sagrado está também na história da cultura do povo guardada na memória e que é transmitida pela oralidade e é usada para a educação do povo e na vida das pessoas que convivem no dia a dia. O sagrado está na capacidade de nos alertar e situar diante do saber e do conviver num mundo onde tudo tem valor econômico e está se tornando valor de capital.

O sagrado está ligado à vida e está nas relações sociais de cada povo e nos ajuda a compreender os acontecimentos que veem ocorrendo no mundo ou mesmo nas comunidades tradicionais, por isso é tão importante a preservação das memórias. Por meio da escola, das aulas e de narrativas de pessoas mais velhas, é possível fazer a circulação das memórias nas comunidades. Essas pessoas trazem relatos e histórias acumuladas ao longo da vida em tarefas e trabalhos comunitários e as recontam para as crianças e jovens.

O importante é que esses conhecimentos estão vivos na vida como forma de educar as crianças, pois as narrativas, a partir dos lugares sagrados, têm esse poder de nos transmitir uma experiência de vida, porque se preservamos essa riqueza, mantemos essa nossa cultura viva e fortalecida. Tanto a perda dos lugares sagrados, quanto dos contadores dessas

² Disponível em: < <http://psiquecienciaevida.uol.com.br/ESSO/Edicoes/31/artigo187544-1.asp>>. Acesso em: 15 set. 2015.

memória e dos ouvintes, nos levaria à extinção enquanto povo indígena que guarda suas vidas e histórias como meio de se situar no espaço/mundo.

Sagrado tem uma espiritualidade e faz o tornar respeitado por guardar todos os segredo em sua existência, capaz de proporcionar na vida do povo uma grande sabedoria. E os lugares sagrados têm na sua permanência enquanto memória, que traz e tem uma tradição, uma meditação que faz com que nós sejamos membros de um povo, de uma comunidade e de uma família. Esses lugares proporcionam um bom ensinamento como parte de uma comunidade que preza pelos seus costumes e tradições, que depende da permanência desses referidos lugares históricos.

Os lugares sagrados são reconhecidos por sua força ancestral e por seu poder espiritual, pois são lugares que respeitamos, por em sua existência guardar toda uma fonte de conhecimento com capacidade para ser usada como meio de passar os ensinamentos de um povo e a seus sucessores, e assim usar para o bem estar de um grupo em seu transe de passagem de ensinar para suas futuras gerações.

Buscar meio de preservação precisa ser uma preocupação para as comunidades que estão ligadas ao pensamento da cultura capitalista, porque visam só ganhar em cima dessas chamadas fontes de recurso naturais esquecendo do papel importante que os mesmos têm na nossa vida. Todos precisam ser responsáveis pela preservação desses recursos que fazem parte da vida dos povos indígenas. É importante saber que essa natureza é parte da cultura do povo, pois a falta dessa natureza material e imaterial deixaria o povo sem onde se assegurar, porque índio sem natureza é índio sem vida, sem cultura. Desse modo, os lugares sagrados estão relacionados com os princípios de um povo e de sua cultura.

“O sagrado é uma força que só pode ser compreendida a partir de locais específicos, ritos próprios ou personificações exclusiva que criam ou protegem algum sentido.” (PINTO, 2015)

A sabedoria de saber proteger tudo que é sagrado para a memória e para a existência das cultura dos povos indígenas está na existência desses nesses lugares, pois é onde encontramos forças para dar sequência em nossa passagem de vida e manter para sempre na memória das pessoas, sejam crianças, adolescente e adultos. Esses valores culturais têm um papel e um poder de educar principalmente nas escolas das comunidades e mesmo nas famílias como um todo, pois nos ajuda a compreender o mundo enquanto pessoa, sabendo que nós fazemos parte do mundo, até porque não é o mundo que faz parte de nós. Somos parte do mundo.

O saber e o conhecimento do território está na capacidade de conhecer o lugar onde está se desenvolvendo suas atividades, lugares sagrados são territórios, onde algum espírito possui um poder; são os espíritos que comandam esses lugares.

Os lugares sagrados têm na sua organização e preservação os seres que comandam e vivem nos lugares, que exercem uma força que é transmitida no poder que guarda sua existência. O saber do conhecimento a respeito da vida de um povo, comunidade ou um grupo étnico, dentro da territorialidade, é guardado na memória.

O povo indígena guarda a memória de seus ancestrais na vida no território, em que tomou como parte pertencente de si próprio; o território é o terreiro das nossas casas, onde o poder e o domínio está na forma como é e está. A forma de organização da comunidade, seja socialmente, culturalmente, ambientalmente, ecologicamente e espiritualmente, para atender as necessárias demandas de um grupo que tradicionalmente vive do recursos naturais de forma sustentável, sem agredir e levar à extinção das diversas vidas do ambiente como um todo, depende dos lugares sagrados para continuar a existir. E a existência dos lugares sagrados marcam o poder que o povo tem em relação ao lugar que toma como morada para desenvolver suas culturas, sejam elas de valor territorial ou espiritual. Somos obrigados a entender o valor que cada terra tem na vida de cada ser que habita em cada parte de um território.

O território é a parte de terra que temos liberdade para usar sem sermos impedidos de fazer o que queremos de modo consciente; é a terra que dominamos como nossa, porque podemos usar com direito de sermos livres para fazer e criar no nosso jeito próprio de se relacionar com meio à nossa volta. Por isso território é o nosso chão, nossa raiz, onde se sustenta toda a nossa vida. Sem o território, não somos capaz de sermos reconhecidos como povo de tradição. Para se ter ou mesmo desenvolver cultura e costumes, dependemos dessa terra.

3.2 Os lugares sagrados e a tradição oral

Considero que três fatores importantes para a cultura indígena estão interligados, pois suas relações estão na existência de um outro. Desse modo, o primeiro, *território*, está ligado ao segundo, *sagrado*, e este está ligado à *oralidade*. Assim se constitui nossa tradição cultural a partir da permanência desses três importantes fatores.

Ao mencionar os fatores acima, estou tentando explicar que ambos são dependentes um do outro. Ao falar da questão territorial de um povo, tenho que recorrer ao

que ele tem em sua terra de domínio como sagrado e assim buscar na vida das pessoas o que elas guardam na memória, especialmente tudo aquilo que circula na comunidade pela transmissão oral, como as histórias que fazem parte da vida e do dia a dia. Essas histórias são transmitidas oralmente na vivência dos membros dos grupos tradicionais que preservam e valorizam essa tradição milenar.

3.3 Aldeia Encontro das Águas e a importância da tradição

A aldeia Encontro está localizada no município de Carmésia, Minas Gerais, na Reserva indígena Pataxó Guarani que é formada por três grupos familiar, onde são grupos formados por pais, tios, avós, primos e filhos são e somos parente próximo. E Encontro das Águas é composta por 10 famílias, aproximadamente 85 pessoas entre crianças e adultos. Vivendo da confecção do artesanato, da agricultura, pesca, caça e também do trabalho com carteira assinada. Têm pessoas que são professores que trabalham na própria escola que é na comunidade que é governada pelo Estado, Escola Estadual Indígena Pataxó Bacumuxá Módulo II. Seu corpo docente e discente são os próprios membros da comunidade como os pais, os tios, os avós e outros que moram na aldeia. Na escola, a norma estabelecida pelos Pataxó só aceita que trabalha indígenas e só pode estudar alunos indígena.

A aldeia é recente e é formada em um local reservado em relação a aldeia anterior onde morávamos antes, e não aceitamos o acesso de pessoas desconhecida justamente por preocupação que nós pais temos com os nossos filhos, pois é preocupante para nós vermos os costumes irem mudando ou se perdendo, problemas vindo se agravando junto ao avanço de outras culturas, como é preocupante, sentimos a necessidade de mudarmos para um lugar mais reservado onde pudéssemos desenvolver as nossas atividades e criar nossas crianças sem essa interferência diretamente que só tende a mudar os nossos olhares e jeito de ver a natureza como algo qualquer, sem deixar para traz o respeitar e ensinar valorização que é a terra e natureza em si para a gente indígena, e de grande importância na vida dos seres que dependem como fonte de viver e nos traz uma reflexão enquanto pessoas conscientes. E com o passar do tempo vimos que o fluxo de pessoas desconhecidas era grande e outro motivo é por causa de uma antiga estrada que dá acesso a outros lugarejos passar dentro da antiga aldeia Retirinho, onde morávamos antes, e com isso passou a entrar pessoas que não conhecemos e outros problemas, e o aumento da quantidade de carros. E isso era uma preocupação para nós integrantes da aldeia. Encontro das águas não tem energia elétrica, usamos energia a gerador. Temos água encanada nas casas de cada família proveniente de

uma nascente por não conter poço artesiano. É uma aldeia que está começando a crescer e se estruturar, temos o centro cultural Mykay txiká a escola da vida das relações cotidianas, lugar sagrado dos nossos rituais tradicionais como o ritual das águas, a cozinha da comunidade onde acontece o ritual do batizado que é apresentação da criança Pataxó para a comunidade, acontece os casamentos tradicionais, as reuniões para as tomadas de decisões, que beneficiarão toda a comunidade.

4. A ESCOLA INDÍGENA: O SAGRADO, AS NARRATIVAS DA ORALIDADE E O CONHECIMENTO

A escola indígena diferenciada é implantada em Minas Gerais em 1995, como projeto em teste em relação a escola ocidental, e a escola indígena é uma luta e um desejo do povo indígena de Minas, com muita peleja o Estado aprova a escola e sua diferença no ensinar, com um jeito único de educação que viesse atender as demandas e a forma de vida da comunidade.

E assim se cria, e se constroem uma escola que o próprio indígena pudesse desenhar com total liberdade, a escola que tanto almejava. Uma escola diferenciada vem com muito desejo e para atender aos indígenas, pois as redes que se tem nas cidades não atende muitas vezes ou nunca sequer toca nas questões relativas ao povo nativo da terra dada ao nome Brasil. Diante dessa problemática se tem pensado numa escola que tivesse o papel e a liberdade de passar todo o conhecimento e ensinar o modo de vida, a história da realidade do que é a vida de um indígena. E com as viagens de muito apelo e força de vontade das lideranças vem a conquista da escola em 1996 e se tem aprovada escola indígena diferenciada, primeiramente nas áreas Pataxó com apoio de projetos juntos a Universidade Federal de Minas Gerais, então vem a escola: Escola Estadual Indígena Pataxó Bacumuxá, uma escola estadual pois na época o município não quis assumir, por ser uma escola de índio, daí já se sentiu um preconceito da parte do órgão público. Que muitas das vezes desconsiderava o jeito como era desenvolvido as aulas nas escola no período que seria as aula grupão e aula de campo capina na aldeia nos períodos de festas falavam que era errado a forma como estávamos ensinado, colocava as leis deles só que não seguimos a punho como devia ser e isso dava e dar até hoje muito embate com relação a secretaria e mesmo as superintendência que é estância que está mais próximo das escola.

E outro problema que traz muita discussão são pessoas que não conhece a realidade das escola indígenas que vem com conhecimento vindo de cima da secretaria, isso é uma dor de cabeça para a escola e as lideranças, é uma briga de diálogo entre as comunidades e órgãos, pois não aceitamos a forma como impõem as suas demandas e nem um quer dar o braço a torcer, e isso vemos como visão que quer desmerecer as formas como o indígenas conduzem suas práticas de ensino.

A escola Estadual Indígena Pataxó Bacumuxa hoje se divide em três módulos cada qual com seu jeito próprio e diferenciado de planejar seu trabalho escolar, por sermos

três grupos e por motivos internos temos a escola separada onde não temos contato com as pessoas das outras comunidades. Por ser uma escola diferenciada ela no estatuto não aceita pessoas que não sejam indígenas para trabalharem dentro das salas de aulas com os filhos de índio, outro diferencial é que também não aceitamos alunos que não seja indígenas. A escola que estava nos sonhos dos nossos idealizadores é escola que valoriza o conhecimento tradicional e a oralidade, uma das formas de ensino que está presente nas aldeias e assim buscar trazer os velhos para estar ensinando através do conhecimento que se encontra entranhado em seus pensamentos e memórias e assim se faz comunidade escola e escola comunidade uma completa uma outra, pois uma é dependente da outra.

Portanto, os nossos ensinamentos estão nos saberes e dizeres de um velho como um pajé, o cacique, uma parteira, de um benzedor, de um pescador, de um caçador e para nós trazermos essas pessoas e suas vidas para dentro de uma reflexão dos jovens é saber que a escola e o conhecimento dos nossos velhos tem uma serventia para passar uma ciência, que não vamos encontrar em livro algum, e a escola diferenciada ela vem com visão de mundo que tenha a cara e alma de um povo.

E se tratando uma escola de ensino digamos ocidental ela não dar essa oportunidade de está tratando das questões indígenas e principalmente o material de trabalhos pedagógicos que na maior parte da sua vida escolar e quando traz as questões falando do índio é aquele indígena, com uma visão estereotipada, que é o índio de cabelo liso, que vive nas matas, que vive nu onde na realidade tudo está o oposto visão do homem branco.

A escola diferenciada é a escola que onde podemos sair sem termos que nos preocupar com horário, onde possamos ter aula com um velho num plantar de uma roça, na beira de uma fogueira, embaixo uma árvore, ou seja em qualquer lugar, que não somente entre quatro paredes, e que não seja uma escola que oprime as pessoas muito menos os nossos alunos e que seja uma escola com os mesmos valores e importância de uma outra escola qualquer.

Ter uma escola que trabalhe junto com o dia a dia da comunidade desde a sua organização interna, e que por onde também siga os tempos da natureza, uma escola que acompanha as mudanças que ocorre na parte do ambiente em si e na vida dos seres que nela vive é uma escola que tem o papel de valorização e de manutenção de uma cultura e assim buscar meio ou estratégias para recuperar algo que está se perdendo ou até mesmo aquilo que se considera perdido e a escola junto à comunidade possam está revitalizando para voltar a ser praticado nas comunidade e ou povo.

E quanto mais essas práticas forem se fortalecendo a escola vai crescendo e o seu trabalho reconhecido por outros povos. E hoje sabemos que a conquista de uma escola diferenciada não é fácil para ser conquistada pois é uma demanda política que requer muita atenção da parte de quem a idealiza com um pensamento de ajudar a mudar forma como é abordada a questão indígena ao ver a sociedade dominadora que se diz a verdadeira em relação ao conhecimento tradicional praticado pelo povo que tem sua forma própria de ensinar e passar seus ensinamento dentro de suas escolas, nas comunidades seja em casa juntamente com os pais em suas práticas do seu dia a dia. E toda uma luta por conquistar aquilo que temos direito muito vezes há uma resistência por parte dos órgãos que onde buscamos ser atendidos nas questões venha nos beneficiar enquanto comunidade e povo, e não é uma conquista que acontece da noite para o dia ou uma simples conversa requer muito persistência das comunidades que sonha uma forma de educação diferenciada para o seu povo. Hoje estamos lutando e correndo atrás da conquista do ensino médio diferenciado voltado para os nossos costumes e tradições e que tenha a cara de um povo que prese seus modos de viver e vivencia que estão sendo praticadas no seu dia a dia em famílias em comunidade ou mesmo como povo, e quer mostrar para as sociedades ocidentais que temos os nossos jeito próprio de ensinamentos.

4.1 Como são trabalhadas as narrativas

As narrativas tradicionais de conhecimento Pataxó, têm um papel muito importante na vida do povo, pois fazem parte do cotidiano, e estão relacionadas à própria existência de determinados grupos. Sempre estiveram presentes, por meio de práticas da oralidade no imaginário das comunidades indígenas e sempre foram utilizadas com finalidades diversificadas. As narrativas nascem a partir do olhar e da busca de explicação sobre fenômenos do cotidiano, tanto da vida da aldeia quanto de fatos ocorridos com determinadas pessoas e vão se formando para dar sentido à vida de um povo. É a essas narrativas, que estão fortemente presentes, por meio da oralidade, nas comunidades tradicionais indígenas, que os mais velhos recorrem para educar, transmitir conhecimentos ou orientar os mais jovens.

Mas de que é feita a narrativa? Qual sua matéria prima ou de que ela se nutre? A narrativa se nutre da memória para narrar o que aconteceu em torno de determinada experiência, ou melhor, ela (re) constitui e (re) compõe uma experiência, cuja lógica é tecida no modo do/a narrador/a transitar entre os eventos e imagens mais e menos significativos, que no todo constroem o enredo e o sentido da história, podendo cativar e encantar o/a ouvinte. (TEIXEIRA E PÁDUA, 2006, p.03)

Fazer circular as narrativas dentro das comunidades é um meio de mostrar a sua força para a constituição e permanência dos valores e tradições culturais dos povos tradicionais. Para um povo indígena ser reconhecido e ter o seus direitos válidos diante da lei do não índio ele precisa ter raiz e conhecer e fazer circular as suas histórias. Esse conhecimento é contribui para fazer de um povo guardião da sua própria cultura. Por meio da oralidade essas histórias são contadas e recontadas para todos os membros da comunidade por muitas gerações.

Assim como o território e os objetos materiais precisam ser preservados por todos, as histórias e narrativas de contos orais também precisam. Por meio do trabalho realizado com os mais jovens é possível conhecer os valores e saberes presentes nas narrativas como esses conhecimentos podem ser utilizados para o bem das comunidades. Pois são patrimônios imateriais que estão e fazem parte da cultura de etnias que valorizam as histórias das pessoas mais velhas, uma marca presente na cultura indígena. Nesse sentido, a escola, nas comunidades indígenas, deve buscar resgatar e utilizar seus saberes tradicionais a favor da educação dos seus filhos.

A Escola Estadual Indígena Pataxó Bacumuxá, tem incorporado narrativas tradicionais ao seu fazer pedagógico, buscando abordá-las por meio de diferentes práticas e utilizando instrumentos diversificados como, produção de textos, cartazes informativos, desenhos, ilustrações, dentre outros. Essas práticas permitem que os alunos compreendam melhor cada história, apresentem de formas variadas o seu entendimento sobre cada uma e sobretudo se conscientizem de que cada história tem uma origem e vem de algum fato ocorrido com alguém ou no dia a dia das aldeias.

Tendo em vista a necessidade de alcançar todos os alunos, as narrativas são trabalhadas em três momentos distintos. No primeiro todos os alunos são reunidos em um mesmo espaço, sob a coordenação dos professores de Arte e Cultura e Uso do Território, que os mais velhos da escola. Nesse momento há a contação de histórias, que podem ser realizadas pelos próprios docentes em questão, ou por convidados externos. Essas histórias nascem das narrativas que circulam nas aldeias. Nesse momento, que é denominado “aula grupão”, busca-se promover um encontro de gerações em que jovens, crianças e mesmo adultos possam compreender o sentido de uma história e sua importância para a vida da aldeia principalmente quando os narradores são os protagonistas das histórias contadas. Acredita-se que esse momento promoverá a perpetuação dessas narrativas na memória das comunidades, pois quem escuta a história é convidado a recontá-la em casa. Dessa forma, acredita-se que as

histórias irão passando para as futuras gerações, por meio da educação das crianças e jovens a partir dessas histórias que aconteceram na vida de pessoas que estão presentes no convívio cotidiano. Percebe-se nessa escola um sentido de dever de incorporar à formação de jovens, elementos que impeçam a perda do fluxo de passagem de conhecimentos, pois as histórias dos grupos, tendem enriquecer a constituição do povo. A partir de uma conversa com um velho, dentro das rodas de diálogo com os anciões, busca-se, na ancestralidade do povo indígena, maneiras de enxergar o mundo em que vivemos, onde se procura diante dessas narrações estar cada vez mais próximos do mundo dos espíritos e do mundo pós morte, pelos quais tem-se grande respeito, principalmente quando se trata de memória que foram deixadas por pessoas que já morreram e que deixaram como heranças, de valor inestimável, as histórias de luta, de vida e de reconhecimento cultural.

A partir desse momento inicial, em que todos ouvem a mesma história, o grupo é reorganizado segundo a enturmação já pré-estabelecida. Cada turma é acompanhada pelo professor referência que realiza debates sobre a história contada. Partindo-se desses debates são propostas atividades pedagógicas a partir da ideia central da narrativa. Assim, cada turma, de acordo com a idade e o nível de conhecimento, realiza ações e constrói instrumentos para representar ou apresentar o aprendizado extraído das histórias. Nesse sentido, é importante citar alguns trabalhos já realizados, como peças de teatro, exposição de desenhos, apresentação oral, produções de texto envolvendo reescrita dos contos, dentre outros.

Destaca-se que embora as narrativas estejam presentes com muita força na escola, essa tem o papel de organizar o trabalho com as histórias narradas e fazer circular o maior número de narrativas possíveis entre todos os membros da comunidade. A consolidação do trabalho será feito verdadeiramente em casa, ou escola do dia a dia que é na capina de um roçado, na ação de plantar uma roça de feijão, de milho, de mandioca e através dessas atividades cotidianas, onde as tradições estão vivas.

O terceiro momento do trabalho com as narrativas na escola acontece por meio de tarefas que são enviadas para ser realizadas em casa com ajuda dos familiares. A partir das histórias narradas na “aula grupão” e dos debates nas turmas referências, são encaminhadas algumas atividades para ser feitas em casa, como entrevistas com os pais, tios, avós, ou outros membros das comunidades. Essa parte do trabalho é importante porque impede que os contos orais da tradição Pataxó sejam esquecidos, evitando assim, evitando que a memória do povo seja perdida e ainda, permitindo que mais pessoas possam se apropriar desses contos de forma

respeitosa e até com reverência, pois são histórias que falam do sofrimento e das realizações do mestre da cultura.

4.2 O poder da oralidade na vida e cultura indígena

A oralidade é uma marca do povo indígena especificamente tem grande valor para o povo Pataxó, como instrumento de transmissão de conhecimentos. Por meio das narrativas orais é possível conhecer as histórias de vida e lutas do cotidiano do povo ou comunidade. Para que essas histórias não se percam é importante saber contar e para contar é preciso ouvir e, depois, passar essa história oralmente. O conhecimento transmitido por meio da oralidade permite o exercício da imaginação e dá liberdade para criação, pois diferente dos livros, que muitas vezes, trazem um conhecimento acabado, nas narrativas orais, os ouvintes são convidados a interagir com a história. Através da oralidade pode-se mudar o rumo da história, pois tem-se a liberdade de brincar com as histórias, viajar no tempo e interpretar e refletir sobre o que de bom servirá para cada pessoa ou para a vida na sociedade.

A oralidade tem o poder de fazer os mais velhos recordarem e buscarem na memória fatos e acontecimentos, que ao ser contados com riqueza de detalhes e grandeza de sentimentos, parecem tratar-se de histórias fantasiosas, mas que guardam ensinamentos profundos que servirão para preservar e transmitir conhecimentos para as novas gerações. A importância da oralidade também está na busca das explicações para fatos e fenômenos que ocorrem ou ocorreram em lugares de vivência do povo e que estão na lembrança anciões. Assim, pode-se aprender com os velhos.

As narrativas orais estão presentes em uma roda na beira de uma fogueira, nas reuniões, nas plantações de roças, nos momentos de preparo de uma comida, na beira de um rio na lavagem das roupas, ou seja, em todos os afazeres dentro do território indígena, em uma comunidade a todo momento estamos aprendendo com as histórias de uma caçada, de pescaria, de viagem, nas histórias de lutas do povo se damos ouvido quando um velho está contando uma história estamos aprendendo. A oralidade dentro da cultura indígena é muito marcante, pois carrega a força das tradições e de preservação da cultura e dos valores do povo.

4.2.1 A escolha dos lugares sagrados

Os lugares apresentados aqui são de grande importância e precisam ser preservados porque são utilizados como ponto de referência para a formação dos jovens e

estão preservados nas memórias dos mais velhos das comunidades. Além desses fatores cito a relevância que esses lugares ocupam na minha própria história, pois também faz parte da minha vida e estiveram presentes na minha formação enquanto pessoa.

De Barra Velha, que é a aldeia mãe, a primeira a ser criada pelo povo Pataxó, e por guardar muitos lugares sagrados, escolhi: Saco, Moita Grande, Lagoa de Fora, Lagoa Grande, Juacema e Céu. Em Minas, na reserva Guarani, na cidade de Carmésia, foram escolhido três lugares: Mono, Mata da Cutia e Extrema. São lugares que guardam histórias que estão vivas na memória das pessoas mais velhas das comunidades, que serviram como espaço de aprendizagem para muitos habitantes das aldeias e que precisam ser cuidados e preservados. A preservação desses lugares é importante porque para o povo indígena, alguns ensinamentos só acontecem nesses lugares sagrados. Para o povo Pataxó, o conhecimento deve ser buscado primeiro na sabedoria dos anciões e depois nos lugares sagrados, onde esses anciões vivem ou viveram.

Considerando a importância das narrativas orais e dos lugares sagrados, que são patrimônios de valor muito grande para a cultura do povo Pataxó, é importante realizar a catalogação desses lugares e o registro dessas narrativas, para ter essa memória guardada e assim os jovens conhecerem como os velhos eram educados para a sua vida na comunidade. Com esses registros pretende-se contribuir para o fortalecimento do povo e a preservação de práticas de vida e da cultura material e imaterial.

4.3 Os lugares Sagrado, seus significados e narrativas.

4.3.1 O Saco

O nome do lugar Saco, surge a partir das observações dos mais velhos sobre o local, porque era um lugar que só tinha uma porta, com aparência de um saco e uma abertura única, que por onde entrava e saía. O saco só tinha o fundo. Passou a ser sagrado pela utilidade que tinha, por ser um lugar onde nasciam muitos córregos que desaguavam nas lagoas que abasteciam a aldeia. Além das águas o lugar é considerado sagrado também por diversos fenômenos que aconteciam ali. O saco é um lugar, onde até os dias atuais, ninguém anda sozinho. De acordo com o depoimento de Sijanete :

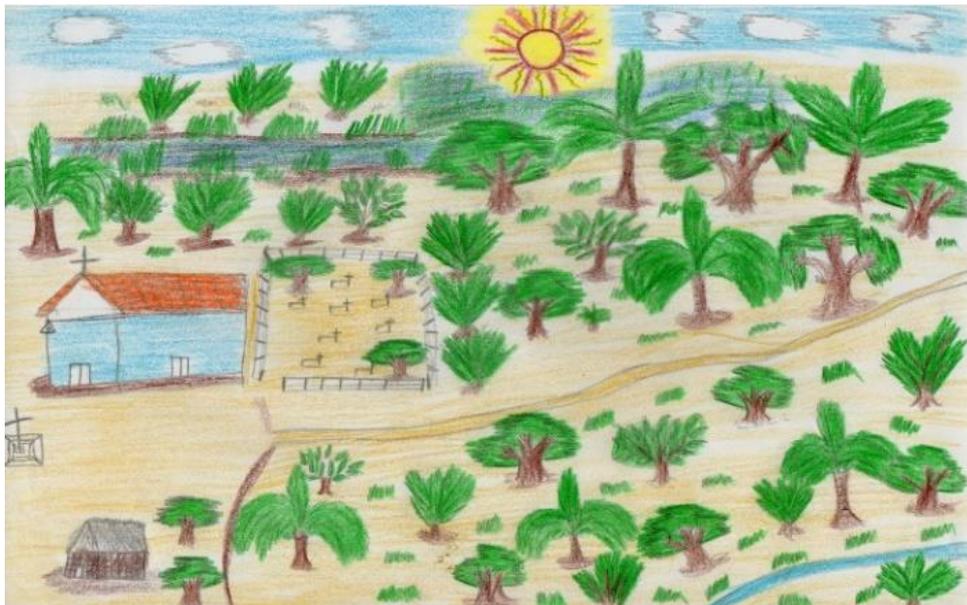
“Se alguém ia buscar água tinha que ter acompanhante de duas e mais pessoas, por ser um lugar que tem muita visagem é lugar sutil e medroso. E era difícil andar sozinho e também tinha que ter a hora de andar, meio dia não era horário de andar sozinho nesse lugar de cinco horas para frente também não, porque são horário que na nossa cultura as

almas penadas e outro seres que não presta está andando” (NETE, depoimento concedida em 2015)

Acredita-se que esse espaço seja considerado visagento por ter a sua entrada de frente para o cemitério. As pessoas mais velhas falavam que toda visagem ia para o fundo do saco e como não tinha outra saída ficavam presas lá dentro. É um lugar encantado que tem seus encantos, ou seja ali guarda um sagrado. E lá se via muitos remosso, gente andar, falar, via gente escarrar, ronco de porca espinha, um lugar de despejo, era lugar de virar lobisomem, boitatá, também é lá que tem o bicho do saco que muitas pessoas mais velhas já viram.³

Além desses fenômenos já descritos, o saco é um lugar que tem muitas cobras. As pessoas que ia a esse lugar, seja para caçar, cortar lenha, pescar, buscar água ou lavar vasilhas, sempre eram ofendidas por cobras, como jaracuçu, jararacas e outras espécies venenosas. Atualmente o Saco é um lugar que está pouco habitado e é pouco visitado.

Figura 1 – Lugar Sagrado Saco: a igreja e o cemitério da aldeia



Fonte: Tary Ferreira Alves, 2016.

O poder das narrativa para a cultura pataxó, está na capacidade de usá-las na educação dos jovens. É importante destacar que cada lugar sagrado tem suas próprias narrativas, que são sempre educativas e partem de acontecimentos e fatos reais. A narrativa que se segue e que deu origem à história “do bicho do saco” aconteceu há muito tempo em uma comunidade Pataxó. Aconteceu de o tio ter namorado com a sobrinha e ela engravidou dele. A avó pega e mata a criança assim que nasce, por saber que o neto era filho da sua filha

³ Juca, Zé Correia, Júlio, Palo Cotoco, Dindim Zezim, Bidu, Nega e Nete viram pessoalmente o bicho do saco.

com seu irmão, pois para o povo pataxó um vivente que é gerado vindo de uma situação como essa não é gente, é um bicho, um monstro. E avó pega a criança enrola em um pano e leva para a mata e lá encontra um árvore quebrada cheia de frepa pega a criança e a espeta na ponta do pau, como não morre, ela o joga no rio, o rio do Saco. Só que para o povo Pataxó, tanto a mãe que deu luz a criança e a vó, e o tio viram bicho também. A avó por matar a criança sem piedade, a mãe por tido um filho com o tio e também por aceitar matar o seu próprio filho, se transformam na chamada porca espinha, que é um bicho que, quando morre tem o poder de assombrar e enquanto está viva come as pessoas. Como a criança era pagona ele virou o bicho do saco, por ter sido jogado pela vó. Com o passar do tempo vem em sonho dizer aos velhos que precisava da sua mãe para mamar, só que ele estaria em forma de uma cobra e queria duas pessoas pudessem busca-lo para mamar na sua mãe. Ela ficou sabendo e proibiu que essas pessoas fossem, pois ela os mataria. Como ela já era um bicho tinha o poder de matar e não queria ter exposta para a comunidade a sua história. No sonho dizia que queria ser batizado, porém como a mãe não quis ele, não foi batizado. Por causa desse fato ele se transformou no bicho do saco e se transforma em vários seres. Tão assustadores que chegou a fazer correr muitas pessoas que usavam esse rio como meio de para trabalhar, como pescar uma das atividade mais executada pelos pataxó e era local onde usava para colocar roças.

Bicho do Saco

Ai teve um dia foi eu, minha irmã Sirlene e minhas primas. Fumo pescar no rio do Saco, só que era só minina , eu devia ter uns 9 a 10 anos de idade, e eu tinha ouvido falar do tal bicho do saco, e nesse dia eu fui meia cismada, só com pensamento, só no bicho mermo assim eu fui, e lá fumo nós. Chegando lá todo mundo com suas pindaíba, cada uma de nós com a sua. Iscamos os anzo que tava na pindaíba e começamo a nossa pescaria, e eu só com pensamento no bicho e logo as menina começou pega beré e piaba, e eu nada. Mudava de lugar, trocava a isca e nada e as outras tão que pega. E eu só com pensamento no bicho e nas histórias que o pessoal contava daquele rio e nós tava bem no poço onde os velhos costumava ver esse bicho. Aí de repente o anzo de uma das menina engatou e agarrou em baixo no fundo do poço numas garrancheira, como eu era a menor da turma que tava ali minha irmã mais velha Sirlene, falou assim:

- Nete merguia lá embaixo pra desengatar o anzo de Ana.

- Eu falei, ah eu não vou entrar aí não. E ficou aquela demanda, entra não entro, aí teve uma das meninas falou.

- Silene deixa a outa se ela não quer entrar então não obriga ela a entrar, já que ela não quer. Por um momento ainda pensei em entrar por ser a mais velha, tinha que respeitar, mais quando eu cheguei na beira do poço veio logo o pensamento no bicho e o rio deu um remanso e ficou esse poço, o lugar mais fundo é cheio de prato d'água e gofo.

Aí meu fii quando eu cheguei na beira do poço que oiei. Ahh!! Não prestou não, eu peguei uma das pindaíba e fui com o pé da vara e peguei a linha, no pé da pindaíba tem um taio e seguir a linha e foi deslizando a vara na linha até certa altura. E até aí tava tudo bem não tinha acontecido nada. Quando eu oiei pra dento da água na minha vixta no fundo do poço erra só cobra, remaiandono fundo poço. Aí desengatei assim mermo de fora d'água. Aí tudo bem não aconteceu nada.

E todo mundo se espalho, umas deu pra baixo do poço pescando e outras ficaram no mermo lugar. E eu fui pro lado do poço onde tinha um tanto de gofo, e eu sempre com pensamento no bicho.

Aí quando eu tô ali vem uma corró doida, e eu rapidamente até alegre, e falei: oba vou pegar esse corró, joguei o anzó. Nessa hora uma das meninas me chama que oei, que voltei a oiá pra dento da água na minha vixta, já não era mais a corró doida. Aí eu já vi foi uma presa branquinha. Parei e fiquei olhando, e vinha na minha direção, que eu bismeia as vixta que oiei, eu já vir foi um bicho coom uma cara de gente, eu gritei , me vala minha nossa senhora d'juda. Nessa hora parece juntou os mato de dentro do poço e puxou pra dentro da água no meio do poço com um som que parecia algum bicho gemendo, parecia que água toda tava chorando tipo o grito de um dinossauro, não sei se era a água que chorava ou se era o bicho, e na hora que ouvi esse som eu gritei de novo me vala senhora da conceição, parece que meguiou que volto de novo em cima da água, aí já veio um bicho que parecia um jacaré, só que com asa de cabeça ao rabo tinha uma catana e ele era da cor desses tapete persa colorido, meio vermelhão, com zoião do tamanho de um prato. Aí as menina viu eu grita e correu quando chegou cá me puxaru de dento da água e eu ta no meio do poço com água mais ou menos pela cintura, aí nessa hora eu nem sei como o anzo grudou na perna de uma das menina daí ninguém nem pescou mais, aí fiquei assombrada e não vi mais nada. Aí me levaru pra casa e eu fiquei doente porque eu só ficava com pensamento naquele bicho, e fiquei só com aquilo na cabeça. Pra eu melhorar os velho ia me rezar, e foi assim que eu melhorei com as rezas, mais eu vi mermo esse bicho. La no rio do saco tem esse bicho e também apareceu pra outos vei, um até que saiu corrido de lá. (NETE, 2016)

O minino do Rio do Saco

Outra vez eu fui cextar de novo nesse mesmo rio do saco, só que o poço já era mais peto de Barra Velha, só que eu não queria ir não e aí as menina insistiram demais que acabei indo, então fumo. Esse dia tava bom de cextar mais pegamo foi muito beré. E tinha umas parte do rio que era poço onde lavava roupa e as velhas não goxtava que cextasse para não sujar e nem lodar. Como já tinha pegado muito beré, eu falei já tá bom as menina! Eu querendo vortar, já tava com medo e as menina insistindo: vamu só até ali. A gente ia por dento do rio, aí eu vi um cardume de piaba e no lugar por onde nós ia passar tinha uma cabaça de marinbundo eu fui pedir o cexto que eu vou cextar, aí foi onde eu fui cextar, e aí eu comecei, aí teve um lugar por onde eu ia passar tinha um pau grande caído no meio do rio e aí fez um buraco, aí eu fui cextar nesse buraco, Enfiei o cexto na água que quando levantei, parece que pesou, aí pensei ai, ai , ai, que eu falei: as menina o cexto tá pesado. A minha companheira veio me ajudar, aí que eu consegui levantar, que levantei eu vi um menino e rapidamente eu soltei o cexto e gritei: as meninas aqui tem um menino! Nessa hora eu desmaiei, quando acordei tava em casa. Ah, deve ser alguma boneca. E eu falei que não, era um menino mesmo, porque se fosse boneca teria achado. (NETE, 2015)

4.3.2 Lagoa de Fora

A Lagoa de Fora recebeu esse nome, porque é uma lagoa que dava acesso ao lugarejo chamado Corumbau. Como está mais distante do centro da aldeia de Barra Velha, é considerado um lugar sagrado, por causa das visagens que eram vistas nessa lagoa. Era, também, o lugar onde as mulheres lavavam roupas, iam tomar banho, as crianças brincavam de pega, pega. Porém, partes dessa lagoa que não eram frequentada para banho e outras atividades, como pescar, dependendo horário, por ser uma lagoa grande e funda, tinha parte que não se dava pé, e ainda, por ser um lugar muito visagento. Muitas pessoas já viram muita livusão, contam que já vira coisas de arrepiar os cabelos e muitos, velhos, jovens e até crianças já saíram corridos dessa lagoa.

Figura 2 - Lagoa de Fora



Fonte: Tary Ferreira Alves, 2016.

Pescaria

Um dia a irmã de Clove, meu esposo, e minha irmã que morava com a gente chamou ele pra ir pesca na Lagoa de Fora. Ele sem querer ir com muita insistência das duas menina, sabe como é menino quando encafifa com uma coisa só sussega quando um grande vai. E assim aconteceu e ele falou pras duas: então vocês vão cavar a isca, minhoca. E assim fizeram as duas, foram, cavaram a isca, pegaram um tantão de isca. Tinha que fazer uns faxo, foram quebraram palha de caxandó amarraram os faxo e deixam lá pronto. Quando deu um faixa de uma seis horas saíram, um pegou os faxo, outro as pindaíba e a isca e foram pescar e isso era noite, por ser um horário apropriado pra pescar na lagoa ou mesmo no rio por que os peixe estão mais quieto e tudo tá sutil. Chegando lá as meninas ficaram num pesqueiro, ele falou assim: agora vocês duas fica ai que vou mais aqui pra cima onde tem um pesqueiro e ela tá bom. Ele ficou em pesqueiro que mais pra cima de onde elas tavam e ele saiu com faxo na mão aceso, mais um pouco longe que dava pra ver elas de cá. Quando chegou assim em cima um poço e disse: vou ficar aqui mermo. Só que o lugar era um lugar lamacento e parece que na vixta dele a lama tava tremendo e ficou olhando, e ele falou deve ser um sumidor, e vortou pra trais foi pro lugar onde as duas tinha ficado, e já ficou cismado, só com pensamento no lugar lamacento que tinha vixto e na lama tremendo, e sempre com pensamento na lama, como já tava tudo escuro ele baixou nas tiririca e deu uma olhada na direção do poço onde ele tinha vixto a lama tremendo, como era um lugar que tinha tiririca pra danar e ele insistiu em olhar de vez em quando na terceira vez, quando ele baixou que olhou na mesma direção do lugar, ele viu uma coisa tipo levantando, ele ficou olhando e ele não quis falar pra meninas pra elas não ficar com medo pois criança é muito medrosa, se não elas iam chorar e ai seria pior e ai ele sempre olhando e ai parece que ia crescendo cada vez mais. Ele chamou as

meninas e falou: as meninas rumbora. Elas perguntaram por que. Não tô pegando. Por isso nessa hora foi saindo de vagazinho e nessa hora ai que o bicho cresceu ainda mais, que ai já parecia um cavalo todo branquinho, ele correu pra junto das menina. Vamo imbora que olharam o cavalo já tava maior do que uma casa e nessa hora as meninas já viram e ele falou: não grita não e vamo imbora! E nessa hora nem pescaram mais deixaram anzo com pindaíba pra trais e vamo correr, e as menina falou: é um cavalo marinho e ele falou: não fala nada não se não é pior e de lá o cavalo de lá o cavalo só ficou machando. Desse acontecido ele não quis saber mais de pescar a noite na Lagoa de Fora. (SIRLENE, 2015)

Assombração da Lagoa de Fora

Outa veis foram um grupo de meninas e meninos tomar baim na Lagoa de Fora. Um tanto mermo de meninas e meninos e lá agente goxtava de brincar, e tinha uma brincadeira que chama o cação. Alguém que a gente escolhe é o cação, ai ele tem que tentar pegar outa pessoa que entrar na água, e quem ele pegar é o cação e ai é a vez da pessoa que ele pegou tobem pegar as outa e assim continua a brincadeira.

E ai, nós tava envolvido na brincadeira e ai teve um dos meninos que olho pra parte de cima da Lagoa e de repente um dos mininos disse assim: us mininos, caiu um passarinho com um chapéu ali na água. E nessa parte que ele caiu era um buraco que ninguém dava pé e caiu na água e veio na direção desse buraco, que era a parte mais funda da Lagoa, o passarinho caiu e o chapéu ficou rodando em cima da água e depois sumiu e a saiu todo mundo de dento da água, gritando e nem brincar mais viemu embora.

Depois fumu pensar que aquilo não era passarinho nada, era visage, por ser um lugar onde as velha fazia seus afazeres sempre se ouvia casos de assombração que via nessa Lagoa. Até porque os acontecimentos era vistos nos horário que nós chamamos o horário dos bichos andar que é de meio e as avemaria de cinco as sete da noite. (SIRLENE, 2015)

4.3.3 Moita Grande

A Moita Grande recebe esse nome pelo destaque que tem dentre a vegetação do lugar onde se localiza. Ela fica em uma região formada por muitas árvores rasteiras. De repente, em meio há muitas árvores, cresce essa moita com muitas árvores altas, a maior no campo. Uma moita tão alta que longe podia ser vista.

Esse lugar se torna sagrado pelos acontecimentos que os velhos vivenciaram ali. O lugar passa a ter um respeito devido às histórias de pessoas que por ali passavam e viam

remosso. É uma moita que mais parecia uma mata, tinha muito xandó, aricuri, aderno, mangabeira, amesca, ingá, nurtinha e cajueiro.

Na Moita Grande, fora de hora, que é pra nós é das seis horas da noite pra frente, aparecia visagem. Muitas pessoas quando iam colher mangaba e caju viam uma velha que entrava e que não era gente, era um espírito que morava e protegia o lugar. E os velhos falavam que quando entravam nessa moita se sentiam atraídos por alguma coisa que os fazia ficarem bobos e não acharem a saída, por ser um lugar assombroso. Acredita-se que todos os remosso que os velhos viam era os protetores das matas. Hoje, esse lugar, corre o risco de desaparecer, pois foi cortada pela estrada que dá acesso ao centro da aldeia Barra Velha. Após a construção dessa estrada começou um processo de desmatamento pelos próprios moradores da reserva. Essa prática poderá levar ao desaparecimento desse lugar que é sagrado para o povo Pataxó, por guardar todo um conhecimento espiritual, que de acordo com as crenças dos velhos moradores é morada de espíritos bons.

Figura 3 – Moita Grande



Fonte: Tary Ferreira Alves, 2016.

O menino mal mandado

Uma vez que papai mando Bideu, meu irmão, ir em Caraíva vender umas piaçaba e comprar farinha, e ele enrolo e não foi logo. É daqueles mininu que você manda e fica fazendo hora, quando ele resolveu ir já era umas quatro, quase umas cinco horas, e nisso ele cangaiô o jegue e foi, como já era de tarde ele anoiteceu pra lá. E deu a noite ele nada e a noite era escura, e la vai noite e nada aí pai preocupado, porque ele ainda não tinha chegado e já era de umas nove a dez hora, e ele resolveu ir atrais de Bideu. Passo a mão no facão e saiu, sem fala nada. Quando chego na lagoa vinha o jegue parece que tava espantado e ele reconheceu o jegue, pegou o jegue e amarro e foi ver o que tinha acontecido com o menino, quando chegou perto da Moita Grande ele já vinha mais o vei Mané Santana, ai ele foi contar o que tinha acontecido.

Ele disse que vinha andando e quando foi pra passar a moita o jegue empaco e não quis anda, e aí na vista dele apareceu uma pessoa de branco. Aí ele cai e não viu mais nada e nessa hora o jegue sorto as mão dele e ele acordou com um velho chamando. Ele tinha ficado assombrado e valença foi esse senhor, se não ele ia passar a noite toda lá e ninguém ia saber. E quando chego em casa pai ainda deu uns esporro nele. Daí nunca mais ele quis saber de fazer hora quando mandava fazer um mandado e principalmente quando era em Caraíva ou Corumbau que era lugar longe. E o velho que encontro ele pra ele vortar em si teve que rezar ele como os velhos tinham os conhecimento conheceu logo que tava assombrado, e reconheceu quem era o mininu e falo mais meu fii, você andando sozinho uma hora dessa e nessa estrada seu pai num ta doído não, deixa você vim pra Caraíva só. E vei ficou brabo com papai. E quando encontro pai ele torno falar de novo pro vei, mais eu mandei ele ir cedo ele que fico enrolando e não vei cedo. (NETE, 2015)

Assombração da Moita Grande

Outa vez foi pra rua e isso era de madrugada, e ele foi cá pela linha, antiga estrada por onde passava a linha de telégrafo, pois por cá evitava passar na lagoa grande, e por cá não corria o risco de se molhar e também por ser madrugada enfrentar água fria, por onde passa na Moita Grande. Chegando perto parece que viu alguma coisa de longe e a já ficou cismado já com medo e foi chegando mais perto, de cá parecia um caxão e na vista dele o caxão subia e descia, ele paro, o bicho parava no chão. Quando ele andava subia e fico ali empacado e o cabelo rupiô, ele falo qua, eu vou é vorta; aquilo lá ta muito estranho. Ai ele

nem viajô mais. Vortô vorto. E caxão fico lá. E era visagem da moita grande e muita gente tomô muita carrera dali. E viam muito remosso que fazia eles sentir medo de arrepiar os cabelos coisas pesadas, que um sozinho não conseguia passar.

4.3.4 Lagoa Grande

A Lagoa Grande recebe esse nome porque, além de ser grande, ela tinha uns poços que eram muito fundos. Apesar de fundos, esses poços ficavam em dos caminhos possíveis para se chegar à aldeia de Barra Velha. Para se chegar à aldeia podia-se escolher dois caminhos, pela estrada ou linha ou então pela Lagoa Grande, que era o caminho por onde os velhos passavam para ir e vir das cidades. É possível que esse costume tenha ficado porque durante muito tempo foi o único caminho que dava acesso a passagem para se chegar a Barra Velha, e para chegar à aldeia tinha que andar ela toda com água na altura do joelho e tinha uma parte que era bastante funda as vezes não dava nem pé, por ser muito fundo. Esse foi um dos primeiros caminhos de andada dos antigos, e hoje é um local muito respeitado por causa das suas histórias. Conta-se nessas histórias que muitas pessoas chegaram a ver e até tomar carreiras desse lugar. Esse é um lugar em que não se passa fora de hora. Tem que ter a hora de passar por ser uma Lagoa de muitas visagens. É uma Lagoa que na época da seca não seca totalmente, tem algumas partes que formam uns lagos bem profundos e os mais velhos acreditavam que nesses poços ficavam aqueles bichos que vivem na água e esses bichos não permitem que os lagos sequem. E lá nessa parte era a terra dos bois tatá. Era também lugar de assombração, muitos que passavam viam outros tipos de aparição, como pessoas andando que eram chamadas e não respondiam e, ainda, pessoas vestidas de branco, as almas penadas.

Por se tratar de lugar de entrada na aldeia, tornou-se um lugar de passagem de vivos e de mortos. Aqueles que viveram e por lá caminharam, após a morte continuam a passar por lá, tanto as pessoas boas, quanto as ruins. Os ruins são os que pegam medo, os que ficam vagando no mundo, que são espíritos de pessoas que aprontaram algum destroço quando eram vivos.

Figura 4 – Lagoa Grande



Fonte: Tary Ferreira Alves, 2016.

O taxo do jacaré de ouro

Um dia, teve uma época que um boiadeiro muito rico ficou sabendo da história pela redondeza. Do que havia ocorrido no lugar como ficou sabendo da riqueza que se encontra dentro da Lagoa tola, achando que fosse fácil e que conseguiria tirar e ficar pra si toda a fortuna que ali se tem. Ajeitou dez juntas de boi, os bois mais forte que tinha. E uma corda bem grossa e amarrô nos boio e mergulho, e prendeu a corda na corrente que tem grudada no taxo onde tá o jacaré de ouro, e amarro tudo e prendeu tudo e vorto. Prendeu a corda na canga da boiada e começo a tocar a boiada. Os bois deram o arranco, ele tome chicote, e começou a sentir que tinha pesado que viu que os deram no pé, aí ele já começou a se desesperar. Tome chicote e gritando cada vez mais arto com os bichos. Vendo que ia conseguir toda aquela riqueza, e logo avisto a corrente que tava presa ao taxo, e nessa hora os bois começô a cansar. De repente ele viu pontar a bera do taxo no barranco da lagoa. Ele ficou tão atarentado com o que tava vendo, e os bois já bastante cansado, se desesperô e chingô o nome da pelada pra quê! Aí nessa hora foi vortando tudo de água abaixo, e nesse momento foi levando boi, corrente com tudo. Aí que ele chingô mais ainda. E aí ele perdeu tudo, foi boiada, canga de boi corda tudo mermo e foi morrendo tudo afogado de lagoa adentro. E

então ele não conseguiu tirar a riqueza por causa dos chingos que ele sortô na hora. E até hoje ninguém não conseguiu tirar esse taxa que tem o jacaré de ouro, que tá na lagoa tola. (NETE, 2015)

A Veia Jusefa

Quando uma vez na cabeceira dela, da Lagoa Grande, em cima morava uma veia, que era a veia Jusefa. Então eles falavam que sempre via um grande jacaré, todo mundo ovía falar dos acontecimentos dessa lagoa e em cima tinha um grande poço onde tinha um pé de dendê e disse que esse poço não tinha tamanho, não. Não tinha vara que arcançava na fundura dele. Falam que esse jacaré era o protetor dessa lagoa por que não secava. E uma vez que viram rastero que saiu desse grande buraco e era muito grande acredita que era o jacaré, e dessa época pra a lagoa começo a secar. Acredita que o jacaré que o era ele que protegia a lagoa. (NETE, 2015)

4.3.5 Juacema

Não se sabe ao certo o que quer dizer ou o que venha ser o nome Juacema. Tudo indica que a origem do nome esteja relacionada ao nome de uma pessoa, uma anciã que morava lá nessa terra. Outra possibilidade é o nome estar relacionado ao de uma árvore em extinção.

Figura 5 - Juacema



Fonte: Tary Ferreira Alves, 2016.

O mistério da Juacema

Teve uma vez que saiu um índio de Barra Velha de madrugada pra Arraial D'juda, pois os velhos antigamente só viajava pra Porto Seguro, Trancoso e Arraial pela praia e tinha que passar em juacema e por cima, pois em frente esse lugar não deu praia que pudesse passa. Por ser uma parte toda de grandes rochedos e o mar nessa parte não secar pra dar praia como nas outras partes da praia e as ondas do mar bate nas pedras e nas falésias que se formô. E aí saiu esse índio cá de Barra Velha sozinho e ai quando vortô no outro dia já a tarde, e quando passô em Juacema era tarde da noite. E como já era bem tarde da noite, quando chegô em cima na chã, em Juacema viu aquela cidade toda luminada, cheia de casa, ele pensô: vou passar a noite aqui e amanhã cedo eu termino de chegar em Barra Velha. Chegô em uma casa e pediu dormida a uma mulher e ela arrumô dormida pra ele, ainda mandô ele entrar e arrumô a cama e ele foi descansar pra no outro dia sair cedo, ainda deu um trabiceiro pra colocar debaixo da cabeça e dormiu, pegô no sono. Ai quando foi de madrugada já clareando ele acordô pra seguir caminho, quando se assustou ainda meio tonto de sono, que se aprumô que acordô, falô: oxente onde é que eu tô? Cadê a casa o pessoal que tava aqui, onti quando cheguei? E as casa, e as cidade será que tô ficando maluco. Que ele olhô pro lado, tava deitado debaixo de um pé de caju brabo, todo cheio de capim mangaba e

com a cabeça em cima de uma cabaça de cupim. Depois com muito tempo pensou ah é Juacema, e era o seu encanto. (NETE, 2015)

4.3.6 Mono

Mono é uma mata, que recebeu esse nome por causa do nome de um animal que existia em grande quantidade nessa mata. Devido à desertificação das matas nativas há muito tempo esse animal entrou em extinção, mas em determinado período foi encontrado um mono morto. Daí o nome do lugar.



A caçada no Mono

No Mono era morada e tinha uma casa, abandonada. Teve uma vez que eu fui caçar com uns cachorro, e os cachorro era bom de caça, eu tava montado num burro. Como já tava bem tardinha, nas ave maria eu tinha que passar em frente a essa casa velha abandonada e, é vem eu devagar muntado no burro, de já tava perto qui oiei tinha um pessoa na janela. Eu fui chegando, de repente essa pessoa foi pra porta, nessa hora eu já fiquei sismado. Não morava ninguém e era difícil andar por aquelas banda e aquela hora seis da noite, e aí chamei os cachorro pra perto de mim e toquei o burro pra andar depressa. Quando

cheguei perto, pra passar em frente à casa tinha ninguém na porta. Nessa hora meu cabelo ruiu eu falei qua! Isso é livusão. E ai passei e vim embora e us cachorro ficaram muchinho perto de mim. E isso parece que me acupanhou, e fiquei com medo e muntado e essa visage só me deixou depois de uma cancela, perto já pra chegarem casa. (VALDIVINO, 2015)

4.3.7 Mata da Cutia

A Mata da Cutia recebe esse nome por ser uma parte da reserva onde havia um número muito grande de cutias, atualmente ainda existem cutias, nessa mata, mas em quantidade menor. A condição de lugar sagrado se deve ao fato de ser uma área pouco desmatada e ainda, por guardar narrativas misteriosas.

As pessoas mais velhas contam que o antigo dono da fazenda tinha pacto com o sujo (demônio) e a mata da cutia era o onde ele se encontrava com bicho. Tinha um lugar na mata que era usado para colocar comida para esses demônios. E por causa desses acontecimentos as pessoas ainda hoje têm um certo receio de caçar ou mesmo andar sozinhas nesse lugar, pois trata-se de uma mata, que além de fechada, é cercada por histórias de pessoas que já viram assombração. Algumas pessoas que de vez em quando vão lá sempre veem visagens. É uma mata que nunca foi queimada e nem desmatada por inteira, ou seja, lá ainda tem muita árvores centenárias.

Na reserva já houve muitos incêndios em outras partes de matas, porém a Cutia continua intacta. Devido a esse fenômeno, acreditamos que hoje já tem os protetores das matas e que lá fizeram suas moradas, como o Pai da mata, Hamay e outros por ser hoje uma terra indígena.



O mistério da Mata da Cutia

Tinha uma mulher que trabalhava nessa fazenda pra esse dono da fazenda. Teve uma vez que ela foi levar comida nesse lugar, na mata da Cutia. E ela ficou escondida pra ver o porquê que colocava a comida e não era pouco não e ela oiando quem que vinha comer aquele tanto de comida. De repente ela viu quebrar pau em cima, e ela viu aquele tanto de bichos desconhecido coisa de outro mundo mais feiu. Ela ficou apavorada com muito medo deles ver ela ali escondida, e saiu devagarinho e foi embora e não voltou mais no trabalho, dizem que ela ficou com medo das cenas que viu na mata da Cutia. (VALDIVINO, 2015)

Caçada na Mata da Cutia

Certa dia saiu uns homens pra caçar na Cutia, só que eles não acreditava nas histórias que ovia do povo. Saíram, era por vorta de umas sete horas da noite, e isso era mais ou menos uns cinco homens, e foram, chegando bem longe no meio da mata, passaru encoxtado de uma moita de taquara e viu que tinha uma vara de taquara trucidada, parece que passado um vento, e falaru que achava que era vento, só que tinha alguns comido, e logo desconfiaru de ser algum tipo de macaco. E aí também passou e então chegaru na espera, tipo armadilha que se usa noite, e e então subiru na espera cada qual em uma que tinha feito e ficaru ali no silencio da mata, quando foi mais tarde oviru quebrar embaixo da espera e vei

quebrando pro lado que eles tava pensando de ser alguma caça, e clareô com a lanterna e não viru nada, e continuaru lá. De repente começo aquela quebradera no mato, pau caindo, andar nas foia, quando daqui a pouco oviu porco roncar. Clareava e não via porco nenhum, e desconfiaru e chamou us otu, desceru da espera e foru embora quase que assombrados. Desse dia em diante acreditaru e não foru mais pra espera na mata da Cutia. (NETE, 2015)

4.3.8 Extrema

Recebe esse nome por ser um lugar que faz divisão, ou seja, é o limite da reserva indígena com fazendas pertencente a pessoas não índias. É um lugar que é muito respeitado pelo povo, pois também tem seus horários de passar nesse lugar, e para passar fora de hora depois das sete, tem que ser mais de uma pessoa. Acredita-se que até um grupo de quatro pessoas correm o risco de, a partir desse horário, ver visagem e pode ficar assombrado. Muitas pessoas já ficaram assombradas, e já tomaram carreiras desse lugar de um tipo de porco acreditam que é uma porca espinha que mora nesse lugar.

Figura 6 - Extrema



Fonte: Tary Ferreira Alves. Ilustração. 2016

O ronco do porco

Teve uma vez que já de noite, e isso já era umas oito hora da noite tava vindo de Carmésia um rapaz chamado Cleber. E aí quando foi passando em frente a esse lugar, a Extrema, ele ouviu um ronco de porco. Ele nem deu confiança e veio andando, e, de repente parece que saiu no assalto. Ah ele tava de bicicleta, nessa hora que ele ouviu de novo, o corpo dele arrepiou. Ele desconfio que não era porco e aí meteu o pé depressa, nessa hora, aí parece que o bicho roncou e veio pra cima correndo. O bicho roncou mermo, aí não era só ronco e começou a bater dente, tac, tac, tac e vendo que era visagem andou mais de pressa e nem olhava pra trás. Dizem se olhar é pior, perigoso cair assombrado. Então esse bicho acompanhou até na porteira que tinha perto da casa, quando chegou na porteira que deixou ele. E era uma porca espinha bicho visagem.

A festa

Um dia, um índio foi pra festa em Carmésia com outros colegas, e ficaram até umas duas horas da madrugada, como a festa já estava acabando chamaram uns aos outros para ir embora, e vieram só que esse índio tinha uma namorada e foi levar ela em casa, e pediu os outros que esperasse ela na gurita na saída da cidade, como ele demorou os outros seguiram caminho. Quando chegou no lugar marcado não tinha mais ninguém, ele pensou e agora?! E começou a correr pra ver se alcançava os outros os seus companheiros, ele só com pensamento na Extrema, e correu, correu e não conseguiu alcançar, tinha hora que ele parava de correr, voltava a correr. Quando foi chegando perto do lugar lembrou dos casos que já tinha ouvido o povo contar, seu corpo começou a arripiar de medo e ele voltou a correr de novo daí a pouco parece que ele percebeu que vinha um correndo atrás dele, e isso depois que ele passou a Extrema e o barulho era tipo quando um cachorro está correndo no asfalto, ouve as unhas dele bater no chão, e foi que ele correu mesmo, e nem olhava para trás, e o cabelo arripiava e nessa hora nem parece que estava pisando mais no chão de tanto medo, quando chegou no Trevo que outro lugar assombroso e lá que os outros meninos estavam se eles não estão lá ele se assombrava, chegou quase sem fala de tanto correr. (DUTERAN, 2015)

4.3.9 Céu

Céu recebe esse nome por ser um lugar que fica na parte mais alta da aldeia de Barra Velha, e de onde a gente tem uma visão bem grande da parte norte e leste da aldeia. É um lugar que guarda uma memória muito importante da vida e do povo Pataxó. É um lugar

sagrado porque é onde o povo, ou seja, algumas famílias pataxó tinha um ritual de encontro com os irmãos Maxacali e o nome é justamente porque quando os Maxacali chegavam ali, falavam que estavam no céu. Assim ficou o lugar com o nome Céu. Hoje é um lugar que tem muito respeito por guardar um pouco da vivência do povo Pataxó com o povo Maxacali, nesses encontros culturais eram trocado alimentos do mar com alimento da mata como caças e outros.

Figura 8 - Céu



Fonte: Tary Ferreira Alves, 2016.

Madrugada

Teve uma vez que eu e meu marido Cloves fumu pra rua, e o caminho intigamente era só pelo Céu e saíu era de madrugada umas quatro horas e fumu, quando chegemu perto do Céu de cá a gente viu um fogo , e falei Clove lá vai gente e ele falou deve ser compade Valdir e vamu andar mais rápido pra ver se a gente pega ele, e falei então vamu e damu na perna quando chegamu pra pegar a ladera pra passar pelo Céu o fogo ia bem na frente de nois dois de hoje que a gente andava e nada de pegar ele e passamu o Céu e o fogo na nossa frente de repente o fogo subiu pro Céu, e eu falei cruís Clove aquilo num é gente não uma hora

dessa ir pra lá ai eu já comecei ficar com medo e era bem um boitata e aí damu na perna e a lagoa tava cheia de vez enquanto a gente olhava pra trás e o bicho ficou parado em cima de uma alve, cindia e pagava o fogo dele. (SIRLENE,2015)

O susto

Uma veis eu fui pra o porto do boi, e era de madrugada pelo Céu pois era o único acesso de saída da aldeia era por essa estrada que era, tinha que passar por esse caminho eu vi um de branco na nossa frente. Eu falei: ali vai um deve ir pra rua e vamu andar de pressa pra gente pegar e passar no Céu e gritamu e nada de responder, e gritamu mais de uma veis e ia na nossa frente e eu falei será que é quem? E vamu de pressa nois vamu pegar ele lá na lagoa de repente parece que sumiu e eu falei deve escondeu pra dar suxto na gente e passamu e nada e quando fumu passando em frente o Céu deu um assubiu meu fii que foi fei viu, falei crendeus pai e Divinu num é gente não, nessa hora meu corpo arrepiô todo, deu aquele medo, ainda mais que tinha matado um homi pouco tempo nesse lugar e sempre via visagem quem passava por lá quando num era gente de branco, era fogo, assubiu principalmente se passasse sozinho ou mesmo de madrugada ou a noite depois das seis hora esses era os horário de ver essas visagi. (NETE, 2015)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

E diante de todo esse trabalho de pesquisas e visitas nos lugares em destaque pude perceber que a cada ano que se passa esse marcos históricos estão se extinguindo, principalmente no território de Barra Velha, têm lugares que quase nem existem mais, estão sendo desmatado sem nenhum pouco de sentimento e isso é uma preocupação em ver esses lugares serem destruídos e acabar como se não guardassem uma valor simbólico histórico das nossas lutas e conquistas sem qualquer compaixão que se refere e desrespeito aos nossos ancestrais e velhos que estão entre nós e que tem todo um conhecimento patrimonial dos valores material e imaterial que faz parte da vida e do território em questão que pertencem ao povo ou comunidades.

Realizar trabalho e localizar nossas culturas naturais presente nas áreas de domínio das comunidades e locais é a forma mais recomendada para se preservar e cultivar uma cultura que está correndo um grande risco de se desaparecer por inteiro da vida e do dia a dia de um povo que prese na seu existência.

REFERÊNCIAS

ALVES, Duteran Braz Alves. Aldeia Encontro das Águas, Carmésia/MG, 4 abril 2015 (10 min.). Entrevista concedida a Tary Ferreira Alves.

BRAZ, Sijanete Alves. Aldeia Encontro das Águas, Carmésia/MG, 4 abril 2015 (20 min.). Entrevista concedida a Tary Ferreira Alves.

BRAZ, Sirlene Maria Alves. Aldeia Encontro das Águas, Carmésia/MG, 4 abril 2015 (15 min.). Entrevista concedida a Tary Ferreira Alves.

GALLOIS, Dominique Tikin. Terras ocupadas? Territórios? Territorialidades? In: RICARDO, Fany. (Org.). *Terras Indígenas & Unidades de Conservação da Natureza*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2004, p. 37-41.

GALLOIS, Dominique Tikin. Terras ocupadas? Territórios? Territorialidades? In: RICARDO, Fany. (Org.). *Terras Indígenas & Unidades de Conservação da Natureza*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2004, p. 37-41.

Povos Indígenas do Brasil. Apresenta informações sobre os povos indígenas do Brasil. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/>>. Acesso em: 15 set. 2015.

SANTOS, Valdivino Braz dos . Aldeia Encontro das Águas, Carmésia/MG, 4 abril 2015 (15 min.). Entrevista concedida a Tary Ferreira Alves.

SOUZA PINTO, Luiz Eduardo. O domínio do sagrado. Disponível em: <<http://psiquecienciaevida.uol.com.br/ESSO/Edicoes/31/artigo187544-1.asp>>. Acesso em: 15 set. 2015.

TEIXEIRA, Inês A. Castro; PÁDUA, Karla Cunha. Virtulidades e alcances da entrevista narrativa. In: II Congresso Internacional sobre pesquisa (auto) biográfica, 2006, Salvador. Disponível em: <https://sebastiaoeverton.files.wordpress.com/2014/07/ines_assuncao_de_castro_teixeira.doc>. Acesso em: 05 de mai. 2016.

**GLOSSÁRIO DE PALAVRAS DO VOCABULÁRIO PATAXÓ TRADICIONAL
FALADO NAS COMUNIDADES**

ARTO=ALTURA

ATARENTADO=INQUIETO

BERA= ENCOSTA

BERÉ= PEIXE DE ÁGUA DOCE

CAÇÃO=PEIXE DO MAR TUBARÃO

CANGAIA=TIPO DE ARREIO QUE SE EM ANIMAIS FEITA DE MADEIRA

CANGAIÔ=ARRUMAR A CANGAIA NA COSTA DO ANIMAL

CASSUAR=ESPÉCIE DE VASILHAME FEITO DE CIPÓ USADO PARA O CARREGO E OBJETOS E OUTROS

CHINGÔ=INSULTO

CORGO=PEQUENO RIACHO

CORÓ=PEIXE DE ÁGUA DOCE

FAXO=ESPÉCIE DE LAMPARINA FEITO DE PALHA, QUE SE USA PARA PESCAR A NOITE (FAXIAR)

FERPA=PONTA DE MADEIRA

GOFO=PANTA AQUÁTICA

HAMÃY=DEUSA PROTETORA DOS ANIMAIS

LACOACA=BAGUNÇA

LACOACA=BAGUNÇA

LIVUSÃO=ASSOMBRAÇÃO

MONO=ESPÉCIE ANIMAL QUE FOI EXTINTO

PAGONA=QUE NÃO É BATIZADO

PIABA=PEIXE QUE VIVE EM PEQUENOS CORRÉGO

PINDAÍBA=FERRAMENTA TRADICIONAL USADA PARA A PESCA

PRATO DÁGUA=PLANTA AQUÁTICA EM FORMA DE PRATO

REMOSSO=MOVIMENTO

SONCIM SAPERÊ=SACI PERERÊ

SUTIL= COM POUCO BARULHO

TAIO= CORTE

TOLA=BOBA

VALENÇA=AINDA BEM

VISAGENTO=MEDROSO

XANDO=ESPÉCIE DE PALMEIRA NATIVA DO LITORAL